

## 5.

### Estudo de campo

*Tem que saber ouvir a mentira, a insídia, o desespero e o abandono.*

*E pinçar a sutileza, a possibilidade, a fresta,  
a riqueza humana, o outro lado do ser.*

Stela Rezende

Este capítulo apresenta a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo e as devidas correlações feitas com o referencial teórico discutido nos capítulos anteriores.

#### 5.1 – Participantes

Foram entrevistados quatro casais de aeronautas; com no mínimo três anos de união; classe média urbana; habitantes da cidade do Rio de Janeiro; heterossexuais; de nacionalidades variadas<sup>1</sup>; idades entre 35 e 46 anos; com pelo menos um filho (do próprio casal) na faixa etária de até dez anos de idade; atuantes em seus trabalhos. Todos os participantes tinham pelo menos o segundo grau completo. Um quadro em anexo organiza mais minuciosamente estas informações. Um critério para a seleção dos indivíduos foi que ambos os membros do casal fossem da mesma categoria profissional, independente se o cargo ou a função fossem diferentes - comissárias (os) e pilotos (as). Cada pessoa foi entrevistada separadamente no intuito de evitar que a dinâmica do casal interferisse na apreensão do material.

A população de aeronautas foi escolhida como objeto de estudo pelo fato de não ter sido ainda, ao que consta, contemplada em outra pesquisa sobre o tema da divisão de tarefas domésticas; também contou o fato das peculiaridades do cotidiano dos aeronautas terem suscitado na pesquisadora interesse investigativo; por fim o fato de a própria pesquisadora ter trabalhado na área da aviação comercial durante vinte anos e com isto ter adquirido familiaridade com este

---

10 É um grupo profissional bastante heterogêneo, que congrega pessoas de diversas regiões do Brasil.

universo, também colaborou para a escolha da população. A seleção dos entrevistados se deu por indicação de ex-colegas de trabalho da pesquisadora.

## **5.2 - Instrumentos e procedimentos**

Para a obtenção de dados, foram utilizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado cujos temas sondados, especificamente, giraram em torno de itens como: concepções e motivações dos membros de casais de aeronautas para a divisão das tarefas domésticas; natureza das tarefas realizadas por homens e mulheres e demais atividades relativas à manutenção da casa e ao cuidado dos filhos; e como são divididas entre homens e mulheres, bem como o grau de satisfação e equidade percebido em tal partilha; aproveitamento do tempo disponível para o lazer; administração dos horários irregulares de trabalho do casal; papéis de gênero e o casamento.

Levou-se em torno de sete meses para a captação dos indivíduos. Foram contatadas inúmeras pessoas que colaboraram indicando um total de quinze casais. Dentre estes, alguns não se disponibilizaram para a entrevista, outros não correspondiam ao perfil e um casal indicado havia se separado. Finalmente foram escolhidos os quatro casais para a condução da presente pesquisa. A maioria dos participantes recebeu a pesquisadora em suas casas, sendo que um dos casais preferiu conceder a entrevista nas dependências do aeroporto Santos Dumont. As entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos participantes através do termo de consentimento livre esclarecido e posteriormente transcritas pela pesquisadora.

## **5.3 - Análise dos dados obtidos**

Para avaliação do material obtido através das entrevistas, foi procedida a devida análise do conteúdo, como proposto por Bardin (1979). O roteiro da entrevista foi construído com base na revisão da literatura. Estabeleceram-se a princípio 4 categorias de análise: cotidiano, divisão de tarefas domésticas, compartilhamento parental e lazer.

### **5.3.1 - Cotidiano**

A categoria cotidiano refere-se a como cada pessoa lida com o dia-a-dia, tendo em vista o fato de que a atividade profissional que os entrevistados

desempenham interfere diretamente no rompimento de uma rotina mais tradicional, em vista dos deslocamentos constantes para outras cidades. Procurou-se observar, então, como cada indivíduo busca organizar a administração do mundo doméstico, levando em consideração os afastamentos do lar e os horários irregulares do trabalho.

De uma forma geral, embora todos se referissem ao seu cotidiano como sendo “corrido,” “agitado,” “corre-corre,” “não paro um minuto,” “uma correria”, a maioria não manifestou incômodo pelos horários fora do padrão da atividade profissional. Grande parte afirmou gostar de não ter uma rotina de horário integral e diário, de não ter que encontrar as mesmas pessoas para trabalhar e poder ir ao supermercado ou ao shopping em horários menos convencionais. Um dos sujeitos demonstrou certa acomodação: “desde os dezoito anos que trabalho com horário irregular, então...” e apontou como ponto negativo não ter vida social como as demais pessoas. Os aeronautas são uma categoria de profissionais que trabalham em horários fora do padrão, incluindo sábados, domingos e feriados, o que certamente interfere, não somente reduzindo sua disponibilidade para a vida social, como dificultando a realização de outras atividades como cursos, trabalhos de horário fixo e também agendamentos com profissionais de saúde, tais como médicos e dentistas, dentre outros. Casais em que ambos os membros pertencem a uma categoria profissional com horários fora do padrão são considerados um subgrupo raro (Presser, 2000:95). A população desta pesquisa se encaixa neste perfil.

### As mulheres

Das quatro mulheres entrevistadas, três optaram por voar na ponte aérea<sup>2</sup> para ficar com uma rotina mais diária, com os filhos, ou seja, pernoitando em suas casas e demonstraram ter o seu dia-a-dia referenciado nas atividades da casa e no cuidado com os filhos. Essas participantes se referiram à atividade profissional e às alterações de horários pelas quais optaram (passar a fazer ponte aérea), explicitando as conciliações entre trabalho e família, que consideravam

---

<sup>2</sup> Sistema de voos entre Rio e São Paulo. Os tripulantes que ficam alocados neste sistema fazem várias “pernas” (ida e volta) por dia e no final da jornada pernoitam em sua base domiciliar.

importantes para poder promover uma qualidade melhor de relacionamento com os filhos e poder cuidar da casa num ritmo mais tranquilo. Para uma delas, o voo nacional intensificava a dupla-jornada de trabalho o que justificou sua opção por trabalhar na ponte aérea:

Porque eu estava ficando muito ausente, as crianças estavam reclamando, até mesmo assim as coisas da casa (...) quem administra a casa normalmente concentra a mulher, ficava corrido pra mim, puxado, cansativo. (Clara, 42)

Clara apresentou as estratégias utilizadas para driblar a chegada de um possível estresse:

Eu procuro fazer **tudo** no período que eles (os filhos) não estão em casa no dia de folga, mas mesmo assim, normalmente de manhã, quando eles (pausa) quando eu não trabalho, eu durmo um pouco porque se não, tem uma hora que dá tilt né? A gente não agüenta. E (pausa) mas é agitado, é corrido.

Outras entrevistadas revelaram o ritmo que imprimem no seu dia-a-dia e o quão fragmentado este se torna:

Nooossa, agora falar que nem meu filho “*the flash*” é assim desse jeito que tu tá vendo: eu não paro um minuto. (Susi, 45)

Eu não paro nunca. Eu tô um pouquinho com ele (o bebê), um pouquinho com o marido, um pouquinho na aviação, um pouquinho lavando roupa, um pouquinho passando roupa, ééé o dia inteiro ocupada, né? só na hora que eu tô dormindo...(Lívia,35)

A participante mais desengajada do mundo doméstico delega totalmente as atividades da casa a sua empregada. Quando se refere ao cotidiano relata a rotina de ir e voltar para o aeroporto e as alternâncias de levar ou buscar o filho na creche. Não pareceu ser uma mulher identificada com o papel tradicional da dona-de-casa.

Tenho a minha secretária, a T. ela é a governanta, o braço direito da casa, deixa tudo pronto, às vezes, eu só passo por lá. Eu sou a turista da casa, ela que organiza tudo pra mim, me ajuda bastante. (Gloria, 37)

## Os homens

Dos quatro homens somente um optou pelo sistema de ponte aérea, os demais continuaram fazendo voos nacionais, mesmo após o nascimento dos filhos, ficando fora de casa por até seis dias consecutivos. É possível que isso se deva ao fato dos homens tenderem a dissociar com mais facilidade família de trabalho, conforme aponta a literatura. Ao se referirem ao cotidiano os homens demonstraram seu investimento na carreira e /ou seu envolvimento com os filhos:

Bem, além de piloto eu sou advogado, entendeu? Como depois, com o que aconteceu na Varig, a gente tá sempre correndo atrás de alguma coisa a mais, então eu, basicamente, quando eu tô aqui no Rio ou tô fazendo fa (faculdade), pós-graduação em gestão da aviação civil, faço petições de direito, ações e voo também, então é beeem puxado, pouco tempo pra lazer, né? Tem que também buscar meu filho, voltar, levar meu filho pra casa, às quartas feiras eu vou lá pra minha mãe pois fica mais fácil pro meu filho, que quando ele faz a visitação durante a semana, então faço muita coisa. (Marcelo,43)

Outro participante:

Quando eu tô em casa meu dia a dia é acordar 8h, 8h30 aí normalmente faço café pros meus filhos, organizo a agenda deles, negócio de escola, eee, hum normalmente a gente procura fazer alguma atividade física de manhã, ou andar de bicicleta, ou brincar de bola, ou ir pra piscina, e depois levo eles na escola, faço o que tenho pra fazer na parte da tarde e à noite quando eles voltam da escola normalmente eu faço dever com eles pra aproveitar a noite pra fazer o dever entendeu? Chega em casa, toma um banho, janto e já boto pra fazer o dever. (Igor,46)

O participante que optou pela ponte aérea o fez pensando no filho:

E se eu tivesse fora da ponte aérea antes, eu estaria ficando cinco a seis dias fora de casa, pra mim não é tão interessante por causa do meu filho né?(...) Aí mais por causa do garoto pra poder sempre ter alguém pra apanhar, levar, buscar, uma vida bem corrida(...). Ee eu tô na ponte aérea assim, teoricamente mais pra satisfazer, né? O meu filho né? porque a gente consegue voltar a buscar, ter uma certa convivência, levar pro colégio né? (Téo, 35)

### 5.3.2 - Divisão de tarefas domésticas

Com esta categoria busca-se averiguar como cada membro do casal se relaciona com o mundo doméstico: se há compartilhamento na execução das tarefas domésticas; se há divisão sexual do trabalho; se há queixas sobre uma possível divisão desigual, ou não. Em virtude de uma proposta igualitária de relacionamento conjugal, presente na contemporaneidade, procura-se através desta categoria detectar se há uma discrepância entre discurso e prática nos casais entrevistados. Há um interesse também de investigar o quanto as viagens constantes a trabalho acentuam possíveis desigualdades.

Segundo Brasileiro (2002),

embora grande parte de homens e mulheres comece a concordar que o trabalho familiar deva ser dividido, poucos são os homens que assumem responsabilidade equivalente à de suas parceiras nas tarefas domésticas. Isto, principalmente se considerarmos o “trabalho invisível” que consiste na pré-ocupação (ou preocupação), planejamento e tomada de decisão a respeito de diversas atividades como refeições, limpeza da casa, compras, visitas a

médicos, contratação e controle de babás, empregadas, supervisão de deveres escolares, etc.

No caso dos aeronautas, esta *pré-ocupação* se intensifica devido às constantes mudanças promovidas pelas viagens, o que é externado nas falas das mulheres, como será visto adiante, nos planejamentos anteriores a cada viagem.

## As mulheres

Uma das entrevistadas, ao se referir ao marido, afirmou enfaticamente que ele “ajuda em tudo”; no entanto, quando exemplificou, ficou claro que a ajuda dele era mais relacionada ao cuidado com os filhos. Quando ela está de folga ou, antes de sair para um voo, auxilia sua empregada para não “sobrecarregá-la” e nesses momentos o marido não é mencionado. A ajuda no supermercado é orquestrada por ela, que toma a frente e diz:

“É é, supermercado, normalmente eu, ele, o grosso (o principal das compras), quando a gente vai no supermercado grande, a gente vai junto, então a gente, *pra variar, a mulher que vai tomando a frente*. É esse negócio de compra, *eu que sei* quanto que tem de dinheiro, *eu que sei* o que ta faltando em casa, o que que precisa “ah pega um negócio aí, (ele) vem com aquele monte, não tem necessidade, pega um pouco porque isso vai estragar, a gente vai ficar poucos dias em casa, as crianças também não vão comer muito disso, *porque aquela organização que mulher faz, né?* Então, a maioria das vezes, negócio de supermercado, o pingado, assim, de verdura, legume que a gente faz toda semana *sou eu*. Mesmo que a gente esteja em casa eu digo: “Não. *Deixa que eu* quando eu chegar eu vou lá e compro. *Deixa aí que eu* saio, quando tem minha folguinha, já deixo tuuudo, entendeu?” (Susi, 45).

Susi acaba por reforçar um lugar estereotipado da mulher, que tem mais iniciativa, poderio e controle na área doméstica. No seu discurso, fica clara a concepção da entrevistada de que são as mulheres que têm maior desenvoltura e domínio sobre os assuntos da casa.

Outra entrevistada justificou sua responsabilidade maior pelas tarefas domésticas por dois fatores: primeiro, ela gostar de fazer **tudo** e segundo, não só deixar o marido dedicar-se aos estudos preparatórios para um concurso de piloto como fazer **tudo** para que ele possa dedicar-se a esse projeto integralmente. Esse discurso feminino parece circunscrever o papel do homem ao do provedor, maior responsável pela melhora do padrão familiar, sendo, portanto, a carreira dele a que merece incentivos por parte do casal. Esse caso se assemelha ao que na literatura sobre casais é chamado de *two person career couples* – que significa o

investimento de duas pessoas numa carreira única. Conforme aponta Diniz (1999:33), nesses casos a mulher “trabalha” para proporcionar o avanço da carreira do esposo. Outra situação parcialmente semelhante é vivida pela entrevistada cujo marido, além de ser piloto, é também advogado. Esta mulher entende que seu marido trabalha mais pela família do que para ele próprio, fato no qual ela apóia seu discurso, para explicar a distribuição tradicional de tarefas entre eles:

Ele tá fazendo uma coisa que é pra nós, ele trabalha mais não é só porque ELE tá a fim, ele gostaria muito de, na folga dele, curtir a folga conosco, ele trabalha mais pra nós, então a única coisa que eu reclamo do Marcelo é a falta de iniciativa. (Clara, 42)

A participante menos engajada nas lidas domésticas atribui a maior parte destas tarefas a sua empregada, incluindo o cozinhar:

O que a gente (ela e o marido) faz é botar uma roupa na máquina pra lavar. Ela, na verdade, ela faz tudo né? Então a tarefa doméstica assim é...é... como é que eu vou te dizer? Fica por conta dela mesma. (Gloria, 37)

Segundo esta entrevistada a assunção maior das atividades domésticas ocorre nos fins de semana quando está de folga. Diferente das demais participantes é ela quem auxilia o marido na cozinha.

Nenhuma das participantes manifestou diretamente alguma insatisfação sobre as divisões das tarefas. A queixa que surgiu por parte de uma das respondentes foi relacionada à falta de iniciativa do companheiro: “tudo tem que pedir”, e que foi repetida diversas vezes ao longo da entrevista sendo sempre atenuada por um, “mas, ele não se recusa.” Outra participante demonstrou incômodo com relação a um aspecto específico do comportamento do companheiro com a casa:

Agora assim, eu não gosto assim é de casa bagunçada, ele é meio desorganizado, aí eu procuro tá sempre organizando as coisas, de deixar tudo largado pela casa, isso eu não gosto. Então, procuro organizar isso daí. Porque ele não gosta muito de organizar, de arrumar, eu já gosto dessa parte. (Gloria, 37)

Três participantes planejam os afazeres domésticos quando se ausentam para o trabalho, especialmente quando pernoitam fora:

Eu providencio tudo antes, o máximo que eu puder providenciar, eu assim ó, eu deixo tudo o mais mastigadinho possível, pra empregada inclusive. (Clara,42)

“Eu deixo tudo mastigadinho pra ela” (para a sua mãe que fica com o bebê). (Lívia,35)

“Já deixo aquela coisa toda organizada, ó amanhã, às vezes eu deixo até o que vai comer numa listinha (para o filho diabético) . Diz para a empregada: “ Ó, segunda tira isso, come isso, isso, isso.” Então, já tenho todo um cronograma o que é feito assim, quando a gente não tá aqui. Hoje, amanhã você faz isso, isso, isso.” (Susi, 45)

Uma das participantes associa a rotina irregular do trabalho com a rotina doméstica, menos burocratizada do casal, ou seja, onde não há definição sexual precisa dos domínios de competência:

Não, na verdade foi o que te falei, como a gente não tem uma rotina, é se um tá mais cansado que o outro, o outro vai preparar o lanche, enquanto o outro tá tomando banho, tá se descansando, né? Entãooo, justamente por isso não tem assim uma regra “ah, eu, você faz isso, eu faço aquilo” não. A gente procura é ver de acordo com a disposição de cada um do dia. Tem dia que eu chego lá que eu não tô a fim de fazer nada. Eu deixo lá. Agora tem dia que, que eu chego e quero fazer tudo. Depende do meu cansaço é...[risos]. Então, não tem assim “Ah ele faz isso, eu faço aquilo” não. (Gloria,37)

## Os homens

Observou-se que alguns homens se colocam mais distantes das atividades domésticas e atribuem este afastamento à falta de tempo e/ou à esposa que não delega tarefas, ou ao cansaço engendrado pelas atividades diurnas; quando se envolvem mais, o fazem de acordo com as solicitações, ou determinações da esposa ou lidam apenas com o cuidado dos filhos. Nenhum deles revelou ter tarefas que sejam especificamente de sua responsabilidade. Fazer consertos ou chamar alguém para fazê-lo, ir a reuniões de condomínio, pagar contas, levar o carro para oficina, cuidar do jardim, levar ou buscar os filhos na escola são algumas das atividades mencionadas por eles e/ou por suas esposas. Nenhum manifestou ter contato com atividades tradicionalmente consideradas mais femininas, como lavar e passar. Um dos entrevistados declarou coordenar a “secretária”, que teve outras atribuições ao longo dos anos em que trabalhou para ele e depois para o casal: “secretária geral”, “diarista”, “babá”, “secretária” e resumindo “pau pra toda obra.” Outro entrevistado afirmou gostar de cozinhar, além de eventualmente colocar roupas na máquina para lavar e dependurar, demonstrando assim conhecimento das etapas do processo de lavagem. O mais jovem dos entrevistados, de 35 anos, atesta que sua tentativa de ajudar esbarra,

não somente na sua falta de tempo, mas também na resistência da esposa, que se recusa a dividir as tarefas com ele:

“O que que eu posso ajudar, fala aí o que que eu posso fazer, que que você vai fazer, diz a outra coisa que eu faço.” Ela não gosta muito, ela quer fazer tudo, ela tem muito perfeccionismo, né? Então, ela quer fazer, ela quer tomar a frente, ela não gosta muito de dividir as funções não, nesse fato de cuidar da casa, né? Acho que ela pensa que ela é a mulher, ela que tem que cuidar da casa, não sei se é exatamente isso, mas acho que é por aí mesmo. (Téo, 35)

As respostas de dois homens sobre a divisão de tarefas domésticas evidenciam sua noção sobre o excesso de dedicação das esposas nas tarefas de casa e com a preocupação com os filhos. Um participante se mostra confiante na empregada e revela a diferença de comportamento da esposa:

“Quem fica mais estressada é a Clara, até porque essa parte doméstica quem cuida mais é ela, é natural que ela fique,” “Ela faz até demais,” “precisaria relaxar mais um pouco.” (Marcelo, 43)

Por outro lado não há nenhuma intenção, nem sequer velada, em sua resposta, de incorporar a seu repertório alguma atividade doméstica. Este mesmo participante revelou que, sobre cozinhar, “eu não faço, nunca fiz, não tem jeito. Ah você se recusa? (ele próprio se pergunta e se responde) Não é recusar, não faço, não tem jeito.” Diante dos excessos da esposa, um outro participante sugere: “tá trabalhando demais, ‘vamo’ tentar mudar o esquema aqui, colocar uma menina 2x por semana.” A sugestão é, segundo ele, rechaçada por ela, que não quer alguém estranho em casa numa frequência maior do que uma vez por semana.

Dois participantes apresentaram comentários coincidentes, parecendo preferir não ter uma estrutura específica de funcionamento:

A gente não tem o que um faz o que o outro faz, entendeu?” ( Igor, 46)

e

“Eu não fico preocupado em dividir tarefa em, Ah esse é meu esse é teu”. (Rui, 38)

A palavra ajuda foi bastante mencionada pelas mulheres em relação às contribuições de seus maridos, assim como por eles próprios. De acordo com Jablonski (1999:66):

“ *ajudar* significa que o homem não tem muito a ver com as coisas que se passam intramuros de uma casa, mas como se julga um cara *legal* e suficientemente antenado com o clima pós-moderno, ele se dispõe a *quebrar alguns galhos* contribuindo para a execução de tarefas que, no fundo, caberiam mesmo às mulheres”.

Essa atitude masculina demonstra uma concessão que os homens fazem às mulheres e que algumas parecem mesmo aceitar de bom grado.

### 5.3.3 - Compartilhamento parental

Através desta categoria procura-se analisar se há um compartilhamento das responsabilidades familiares relacionadas diretamente ao cuidado com os filhos. O quanto e como cada membro do casal se envolve com tudo que diz respeito ao exercício da parentalidade: desde brincar com os filhos; acompanhar seu desenvolvimento na escola e o prolongamento das atividades em casa; o dia-a-dia das crianças; vida social; consultas médicas, odontológicas etc. Procura-se observar também o quanto os horários de trabalho fora do padrão dos casais interferem na relação com os filhos e como são feitos os arranjos para lidar com esta questão.

#### As mulheres

Foi revelado certo ressentimento por parte de uma entrevistada, ao se referir às atividades que lhe cabiam:

ele dá banho, mas eu que fico com a parte mais chata, cortar a unha, limpar a orelha, (...) ele fica mais com a parte de brincar e eu do dever. (Clara, 42)

Esta fala foi um *insight* que a participante teve no momento da entrevista e que promoveu nela um início de choro, rapidamente suprimido por ela.

A responsabilidade de conjugar dia de folga com idas ao médico para os filhos foi unanimidade nas respostas das participantes: é da mulher. São elas que solicitam folga para a empresa e levam prioritariamente os filhos às consultas, com ou sem o marido. Eles vão ao médico *se* for urgente ou *se* casualmente estiverem de folga, ou ainda, se a visita ao médico não for a periódica.

As falas de duas participantes ilustram essa responsabilidade que as mulheres abraçam sem questionar:

Agora, com relação a médico, sempre sou eu que levo, eu procuro marcar nos meus dias de folga, mas no caso uma emergência, ele leva. Não tem problema nenhum não. (Gloria, 37)

Por outro lado, Gloria acredita que se precisasse faltar ao trabalho por motivo de doença do filho, talvez o marido decidisse ficar em casa:

“Acho que ele, que ele é muito apegado. Eu acho, assim, eu não sei, como não aconteceu ainda, eu acho que os dois estariam à disposição. Mas eu acho que ele seria o primeiro a se manifestar “Eu fico em casa com o B. (o filho).” [risos]. Acho que seria ele.” (Gloria, 37)

Outra participante revela:

“Idas ao médico ele até me acompanha, mas se não puder eu sozinha, ele sozinho dificilmente vai fazer isso. Eu nem vou marcar hora no dia que ele tenha que ir sozinho a não ser que seja imprescindível, entende? Não é que ele “Ah eu não vou,” “Ah não, isso é teu eu não vou” não é assim, ele me ajuda se for preciso, mas a princípio sempre quem vai fazer isso sou eu.” (Clara, 42)

A existência de uma rede de apoio é citada por todos os entrevistados, homens e mulheres. Esta rede é constituída basicamente por mulheres: empregadas domésticas; mãe de um dos membros do casal e amigas. O pai de uma das participantes, única exceção, integra essa rede de apoio (rompendo assim a teia exclusivamente feminina) e é citado algumas vezes ao longo da entrevista, como aquele que busca o neto na escola e fica com ele até a chegada da esposa.

No entanto, um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio; percebem que o terreno de ação no cuidado com os filhos e/ou da casa é um poderio feminino, mas não conseguem (ou não querem) furar o cerco. As mulheres, por sua vez alternam seu posicionamento na casa, ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas: “para não sobrecarregá-las”. A única exceção é a participante que delega tudo à empregada. Uma das participantes revelou conjugar sua folga com as da empregada:

(...) porque as folgas dela são associadas com as minhas, ela tem duas por semana, normalmente se nós, eu estiver de folga, ela também vai estar. (Clara,42)

## Os homens

Um dos entrevistados externou um padrão bem tradicional de compartilhamento parental: “Tarefa mais de força seria mais comigo (...) levar ele (o filho de cinco anos) no colo dormindo” ou “quando ela não tá mais agüentando na disciplina, aí me chama.” Seu discurso reforça um estilo estereotipado do homem forte, que tem a lei, ou seja, nos casos em que a mãe não dá conta, seja

por fragilidade física ou por não conseguir mais se impor, entra o pai para fazer cumprir a disciplina.

Embora alguns dos participantes acompanhem a esposa e os filhos ao médico, deixaram claro que a prioridade é delas. Isso é consonante com o que indica a literatura. Jablonski (1999:63) afirma que:

dentre as principais diferenças entre pais e mães está o fato que os primeiros interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, com ênfase nos jogos e no humor, enquanto as mães mantêm com os filhos uma relação centrada na proteção, na afetividade e, comparativamente, mais séria e objetiva.

Outro entrevistado mostrou-se igualmente mais tradicional a respeito do seu papel de pai ao afirmar “quando eu tô em casa eu viro mãe também”, ao se referir aos cuidados que ele oferece ao filho de cinco anos, tais como dar mamadeira, buscar na creche, dar um lanchinho, dar um banho. Na fala deste participante paternagem e maternidade se confundem, quando na verdade são termos distintos. O que ele faz pelo filho é algo que cabe tanto à mãe quanto ao pai e pode ser denominado de maternagem ou paternagem. A maternidade é exclusiva da mãe, pois está atrelada ao sexo biológico e sua especificidade: gestar e amamentar. A maternagem, no caso da mãe, ou a paternagem, no caso do pai, cabe a ambos. A concepção de paternagem (Silva et al 2005) é entendida como:

O processo social de vivência da paternidade através da construção de laços afetivos, superando a visão naturalizante e biológica que justifica o vínculo estabelecido entre pai e filho. Envolve, ainda, a participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com as crianças, e pode ser capaz de dinamizar as relações de gênero de forma mais equitativa, na medida em que possibilita uma ampliação dos repertórios quanto às atribuições masculinas e femininas.

#### **5.3.4 - Lazer**

Nesta categoria procura-se investigar o lugar que o lazer ocupa na vida do casal na articulação dos tempos: da conjugalidade, da parentalidade e para si próprios. Este tópico temático procura sondar também insatisfações advindas de possíveis desigualdades no uso do tempo livre.

#### **As mulheres**

Uma das participantes revelou não usufruir de um tempo para si:

Eu quase não faço nada pra mim mesma, assim. É, eu vivo em função da casa e dos filhos, o tempo disponível que eu tenho, mas não sou muito assim, não me incomoda muito assim...apesar de eu no futur (a palavra não foi completada), no passado eu gostava muito de me exercitar, fazer coisas pra mim. Hoje em dia não ligo mais, apesar de que eu acho que eu deveria, até pela saúde. (Clara, 42)

Esta fala é ilustrativa do que afirma Oliveira (2003:60) sobre o fato de que:

a mulher que tem família tem pouca chance de ficar sozinha, pois seu tempo é estilhaçado em devoções, um tempo de respostas, onde pouco espaço sobra para perguntas que quer fazer a si mesma. Vai ficando distante de si, até não se reconhecer mais, quando se encontra. Um tempo para si, descomprometido, tornou-se o luxo dos luxos.

Ao que parece nem as mulheres, como essa participante, pertencente a uma classe social mais privilegiada, pode se oferecer tal luxo. Embora essa participante tenha uma rede sólida de apoio para administrar a casa e os cuidados com os filhos, não encontra este tempo para si, que não é, necessariamente o tempo do lazer, conforme a mesma autora propõe:

mas o momento da introspecção, de pensar na vida, de sonhar, de caminhar sem testemunhas e que aparentemente não existe mais para ser desfrutado. (...) coloca-se na longa lista de emprego de tempo, depois dos filhos e do companheiro, onde só não vem ela mesma, personagem secundário, última coadjuvante de sua própria vida.

O exercício da parentalidade ocupa maciçamente também o tempo de outra participante e do seu marido, conforme revela a seguir: “Nunca saí sozinha com amiga depois que meus filhos nasceram, nem ele sai com ninguém.” (Susi, 45)

## Os homens

Somente um dos participantes pareceu reservar tempo para uma atividade particular, no caso, o futebol. Os demais dedicam seu tempo livre para os filhos, para atividades profissionais (no caso dos que têm duas atividades), ou para atividades em família.

Um dos participantes mencionou os custos subjetivos da vida de casado expressando sentimentos de resignação:

É... depois que a gente casa e tem filho a vida muda bastante, assim, né? É... tem muita parte boa, mas tem muita privação, também né, mas.... é... nada que a gente não consiga administrar com um pouquinho de, muita paciência, calma né? tem que ceder bastante as duas partes pra poder ter uma vida mais equilibrada. (Rui, 38)

As respostas indicam que a área conjugal é a mais penalizada. Os casais tendem a sacrificar a sua conjugalidade para dedicar seu tempo livre para estar com os filhos, fazendo programas que os incluam. O casal que se encontrava com bebê de cinco meses à época da entrevista, já tinha projetos de colocá-lo na creche dentro de alguns meses visando recuperar o tempo do casal para poder ir ao cinema. No entanto, este foi o único casal que pareceu motivado a não se acomodar nos papéis familiares, já que os demais se encontravam cientes do seu envolvimento maior com os filhos. O casal com 8 anos de união, reconhecia precisar de um tempo maior a dois, porém não apresentava nenhum plano para transformar a realidade do cenário atual. Em outro casal, juntos há dezessete anos, a mulher demonstrava dificuldade em extrair prazer na companhia do cônjuge sem os filhos, e o marido, por sua vez, enfatizou a necessidade do lazer ser sempre em família, como uma forma de compensar as ausências constantes do lar por conta do regime de escala de voo.

Os quatro casais mostraram-se menos disponíveis a sair sós com amigos. Os programas de lazer quando ocorrem com outras pessoas, são com familiares ou com outros casais com filhos e se resumem a visitas a parentes, restaurantes, festas de criança ou idas ao clube.